

A CRÍTICA DE ASSIM FALOU ZARATUSTRA AO ESTADO NO TEXTO ‘DO NOVO ÍDOLO’¹

Edson de Sousa Brito²

RESUMO

Análise do texto de Nietzsche que se intitula “Do novo Ídolo” onde o autor expõe sua visão do Estado Moderno na perspectiva da teoria do Super-homem. Há uma breve exposição do estado primitivo e sua relação com os contratualistas modernos. O autor em foco aponta que o fim do Estado democrático é a única solução possível, no plano político, para a libertação do homem.

PALAVRAS-CHAVE

Do novo Ídolo; Nietzsche; Estado Moderno.

Pretendo, neste artigo, analisar o texto de Nietzsche que se intitula “Do novo Ídolo” e que se encontra na obra Assim Falou Zaratustra, onde o autor se preocupa em abordar o tema Estado na perspectiva da teoria do Super-homem. Assim, pretendo analisar a crítica de Nietzsche quanto ao tema proposto e, também, porque, na atual conjuntura em que se encontra o estado, é impossível nascer ou surgir o Super-homem.

Desde já, sabe-se que o autor, neste capítulo ‘Do novo Ídolo’, critica o Estado moderno-democrático pela sua forma de tratar o homem, levando-o a uma degradação generalizada quanto a sua raça e, conseqüentemente, transformando-o, no mais íntimo do seu ser, fazendo do homem uma criatura frágil, mesquinha e medíocre.

O primeiro passo, é mostrar como Nietzsche compreende o Estado e sua evolução na história. No primeiro momento de sua existência, o Estado, considerado até então primitivo, percebe-se que os homens se agruparam com a finalidade de satisfazer as necessidades momentâneas ou emergências de cada um de seus indivíduos, se assim podemos chamar. Com o passar dos anos, o Estado perde a característica primitiva e o homem, que antes vivia em grupo com a finalidade de ocupar-se na satisfação de suas necessidades, começa a ter outros objetivos para serem realizados no âmbito social. A mudança trouxe consigo novas formas de sociedade, de sistemas políticos, de instituições e enfim, trouxe ao homem uma nova forma de vida: o viver supérfluo e assim o homem foi se degenerando; a esse Estado dá-se o nome de ‘moderno’. O estado moderno foi o Estado em que Nietzsche viveu³. Começemos por entender o que Nietzsche escreveu sobre esse Estado.

¹ Trabalho elaborada como requisito avaliativo do curso: Seminário especial de Filosofia Política II: o Zaratustra de Nietzsche como orientador do novo sentido histórico, no Mestrado em Filosofia Política - FCHF - UFG

² Professor de filosofia no Curso de Direito da UniEvangélica. Mestre em Filosofia pela UFG. Doutorando em Educação PUC-GO. Contato: edsonbrito@modernaeducacional.com

³ Cf. JULIÃO, J. N. O ensinamento do Zaratustra da superação. Tese – Unicamp p. 103

Em primeiro lugar, o que é o Estado para Nietzsche? Segundo o autor, há duas maneiras de responder o que o Estado é. Uma delas é o Estado primitivo e a outra o Estado moderno. Quanto ao Estado primitivo assim escreve Nietzsche:

Emprego a palavra 'Estado', mas é fácil compreender que me refiro a uma horda qualquer de aves de rapina, uma raça de conquistadores e de senhores, que, com a sua organização guerreira, deixaram cair sem escrúpulos as suas formidáveis garras sobre uma população talvez infinitamente superior em número, mas ainda ignorante e errante. Tal é a origem do 'Estado'⁴.

O Estado já nasce como uma instituição onde o homem já é subjugado, onde pode-se perceber uma grande besta feroz que lança suas garras para conduzir o homem segundo seus ideais e objetivos, e não observa que o homem, para se realizar como ser humano, deveria viver numa estrutura que fosse própria para desenvolver todas as suas capacidades, se assemelhando, cada vez mais, ao super-homem. Do mesmo modo essa concepção aparece noutra passagem onde o Estado nasce de uma raça de guerreiros que ameaça e subjuga os mais fracos e frágeis, como segue Nietzsche:

Digamos, sem meias palavras, de que modo começou na terra a civilização superior! Homens de uma natureza ainda natural, bárbaros em toda terrível acepção de palavra, homens de rapina, ainda possuidores de energia de vontade e ânsias de poder intacta, arremeteram sobre raças mais fracas, mais polidas, mais pacíficas, raças de comerciantes ou de pastores, talvez, ou sobre culturas antigas e murchas...⁵

Essa não é a única concepção do início do Estado primitivo para Nietzsche. Como a maioria dos filósofos políticos, e me refiro aos contratualistas do século XVII e XVIII, como Hobbes, Rousseau e Locke, onde crêem que os homens naturais se uniram por meio de uma necessidade, como por exemplo enfrentarem os perigos para dar continuidade às suas vidas. Nietzsche também tinha a concepção de que os homens se uniram tendo em vista a satisfação de alguma necessidade como é desenvolvido no § 22, de *Der Wanderer und sein Schatten*: "A comunidade é, no princípio, a organização dos fracos em vista do equilíbrio com poderes ameaçadores"⁶. Entretanto, não pretendo aqui igualar a filosofia dos contratualistas sobre a idéia de Estado de natureza com a filosofia de Nietzsche sobre o Estado primitivo, mas apenas fazer uma simples comparação de idéias afins pois pretendo, em um estudo posterior, aprofundar esse importante tema na filosofia política.

No Estado primitivo, o homem tem como objetivo apenas satisfazer suas necessidades temporais, como juntar suas forças para defender suas vidas. Essa unidade dos homens foi bem aceita do ponto de vista das suas vantagens para a comunidade e, por isso, foram se tornando cada vez maiores. Também surgiram novas idéias nesse grupo de pessoas, que mais tarde se tornaria primitivos sistemas, que mais tarde foram chamados de sistemas econômicos e políticos. Com o passar dos anos, esses sistemas tiveram maiores importância na vida da comunidade e foram, segundo Nietzsche, desvirtuando os homens da primeira finalidade do grupo que era a de satisfazer a necessidade temporal.

De um Estado primitivo passa-se, então, a um outro Estado que é chamado de moderno, que foi analisado por Nietzsche. O Estado, que é nomeado de o 'novo Ídolo' por Nietzsche, tomou o lugar de Deus. Segundo o autor, Deus caiu com toda as suas leis morais, onde tinha por objetivo limitar o viver do ser humano a uma mera expectativa futura, ou uma felicidade vindoura; o Estado agora assume o papel de regulador da vida do homem obrigando-os a viver de acordo com a sua vontade e, consequentemente, retirando do homem a possibilidade de se tornar o super-homem.

No texto 'Do novo Ídolo' o autor começará por perguntar "Estado? O que é isto? Pois seja! Abri bem os ouvidos, porque, agora, vou dizer a minha palavra sobre a morte dos povos"⁷. A continuação do texto responderá o que é o Estado moderno para o Zarathustra de Nietzsche.

O autor definirá o Estado como o mais frio de todos os monstros pois com toda a sua frieza mente a todos. A mentira que sai de sua boca é esta: "eu, o Estado, sou o povo"⁸. Essa e outras mentiras são defendidas pela maioria dos que estão no Estado e que Nietzsche identifica como os de 'orelhas compridas e vistas curtas' pois acreditam no discurso que o Estado tem e defendem-no e se tornam pregadores do Estado os quais são chamados de 'pregadores da morte'. Há também aqueles que Nietzsche chama de

⁴ Genealogia da Moral, II, § 17.

⁵ JGB, § 257

⁶ JULIAO, J. N. O ensinamento do Zarathustra da superação. Tese – Unicamp p. 103

⁷ NIETZSCHE, F. W. Assim falou Zarathustra.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 65

⁸ Op. cit. p. 65

‘grandes almas’ que são mais conscientes da besta fria do que os de ‘orelhas cumpridas e vistas curtas’ mas que, mesmo assim, são enganados pelas idéias de paz, igualdade e rentabilidade que o Estado prega e assim diz Nietzsche à esses homens: “Sim! Também a vós ele advinha, ó vencedores do velho Deus! Ficastes cansados na luta e, agora, o vosso cansaço ainda serve o novo ídolo”⁹; o novo Ídolo com seus velhos valores acabam por corromper esses homens e os impedem a vontade de auto-superar a si mesmo.

Continua Nietzsche a sua definição: “Estado, eu chamo, o lugar onde todos, bons ou malvados, são bebedores de veneno; Estado, o lugar onde todos, bons ou malvados, se perdem a si mesmos; Estado, o lugar onde o lento suicídio de todos chama-se – “vida”¹⁰. Nietzsche continua a mesma idéia de que o Estado não dá aos homens a possibilidade de encontrarem o caminho para a vida, mas quer que eles morram a cada dia até ser totalmente obedientes às suas decisões, e deixa mais claro ainda a intenção última do Estado a qual pretende que todos devem renunciar a sua própria vontade para fazer a vontade dele.

Com a intenção do Estado de querer dar ‘vida’ para todos os quais nele se encontram, segue, necessariamente, pelo menos a princípio, idéia de uma igualdade entre os homens. E eis aí mais um motivo pelo qual Nietzsche, no capítulo ‘Do novo Ídolo’, condena o Estado, pois, com efeito, assim como a moral não está na bondade, mas sim na força, também a meta do esforço humano não deveria ser a elevação de todos, mas sim o desenvolvimento de indivíduos mais dotados e mais fortes, pois a meta não é a humanidade mas sim o super-homem. A última tarefa que um homem sensato empreenderia seria melhorar a humanidade: a humanidade não pode melhorar, ela nem existe – é uma abstração. “O que existe é um vasto formigueiro de indivíduos. O todo se parece a uma mera oficina experimental, onde, em cada época, algumas coisas são bem sucedidas, enquanto que a maior parte fracassa e a finalidade de todas as experiências não é a felicidade da massa, mas o aperfeiçoamento do tipo”¹¹. Seria melhor as sociedades se extinguirem do que não produzirem um tipo mais elevado. O ideal seria a sociedade ser um instrumento para a melhoria do poder e da personalidade do indivíduo; o grupo não é uma finalidade em si. “Para que fim, então, existem, as máquinas, se todos os indivíduos só tem como finalidade mantê-las? [Máquinas – ou as organizações sociais –] “ que são um fim em si mesmas - é isso a comédia humana?”¹²

Nietzsche assim diz às grandes almas que, como ele, sabe dos grandes perigos e das grandes mentiras do Estado:

Porventura, meus irmãos, quereis sufocar nas exalações de seus focinhos e de suas cobiças? Quebrai, de preferência, os vidros e as janelas e pulai para o ar livre!
Fugi do mau cheiro! Fugi da idolatria dos supérfluos!
Fugi do mau cheiro! Fugi da fumaça desses sacrifícios humanos!
Também agora, ainda a terra está livre para as grandes almas. Vazios estão ainda, para a solidão a um ou a dois, muitos sítios, em torno dos quais bafeja o cheiro de mares calmos!
Ainda está livre, para as grandes almas, uma vida livre. Na verdade, quem pouco possui muito, tanto menos pode tornar-se possuído: louvado seja a pequena pobreza!

Há uma possibilidade para as ‘grandes almas’, que é justamente renegar este Estado, e viver uma vida livre, sem os preceitos desse novo Ídolo. Somente assim o homem pode ser um indivíduo superior.

É claramente perceptível que Nietzsche, no capítulo ‘Do novo Ídolo’, é contra o Estado moderno, entendendo esse como democrático. Uma das propostas do Estado é ser igualitário, ou seja, proporcionar o igualdade para todos os homens em comunidade e eis aí sua essência: ser democrático. A democracia significa deriva; significa que é dada a permissão a cada parte do organismo de agir como lhe apraz; significa a falta de conexão e de interdependência, da entronização, da liberdade e dos caos. Significa a veneração da mediocridade e o ódio à excelência. Em poucas palavras, significa a impossibilidade de ‘grandes homens’. Nietzsche é contra, no ‘Do novo Ídolo’, a teoria de um Estado moderno-democrático, pois, para que o super-homem se torne realidade, é necessário que privilegie os ‘mais raros’. Mas como poderá acontecer esse privilegiar os ‘mais raros’? somente por uma outra forma de governo.

⁹ Op. cit. p.66

¹⁰ Idem

¹¹ DURANT, W. A filosofia de Nietzsche. Rio de Janeiro, ed. Ediouro, p. 69.

¹² NIETZSCHE, F. W. Humano, Demasiadamente Humano, I, 375

Por fim, Nietzsche afirmará: “Onde o Estado cessa – olhai para ali, meus irmãos! Não vedes os arco-íris e as pontes do super-homem?”¹³. O fim do Estado democrático é a única solução possível, no plano político, para a libertação do homem de suas cadeias, pois é a possibilidade do homem seguir sua história sem artificialidade, sem regras de condutas que o impeçam de auto-superar-se e que se torne, assim, o super-homem.

Abstract:

Analysis of Nietzsche's text is entitled “From the new Idol” where the author presents his vision of the Modern State in connection with the theory of Superman. There is a brief account of the primitive state and its relationship with the modern contractarian. The author points out that focus on the end of the democratic state is the only solution possible, politically, for the liberation of man

Key Words:

The new Idol, Nietzsche, Modern State

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo, Mestre Jou, 1970.

BOBBIO, Norberto; BOVERO, Michelangelo. **Sociedade e estado na filosofia política moderna**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994

DURANT, Will. **A filosofia de Nietzsche**. Trad. Maria Theresa Miranda. Rio de Janeiro. Ediouro, s.d. (Os grandes pensadores).

MONDIM, B. **Introdução à filosofia**: problemas, sistemas, autores, obras. Trad. J. Renard & Luiz J. Gaio. São Paulo, Paulus, 1981.

NIETZSCHE, F. W. **Assim falou Zaratustra**. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

NUNES, Benedito. **A filosofia contemporânea**: trajetos iniciais. São Paulo: Editora Ática, 1999. p. 58 – 66.

REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. **Historia da filosofia**. São Paulo, Paulus, 1991. p. 420 – 437.

RUSSELL, Bertrand. **História da Filosofia Ocidental**. Trad. Brenno Silveira. São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1967, Livro IV.

¹³ NIETZSCHE, F. W. Assim falou Zaratustra.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 67.